

*Desejo e vontade em O crime do padre Amaro, de Eça de
Queirós*

Francisca Solange Mendes da Rocha¹

O crime do padre Amaro, de Eça de Queirós, configura-se em um verdadeiro instrumento de crítica ao comportamento burguês do último quartel do século XIX. O autor lusitano construiu suas personagens dentro de padrões de conduta não muito aceitáveis na sociedade oitocentista, constituindo em uma sátira contra a corrupção e a hipocrisia existentes no clero português da época. O romance eciano está recheado de personagens podem ser caracterizadas como passionais, pois a maioria delas é movida por interesses mesquinhos, principalmente Amaro e Amélia, as escolhidas para essa análise. Assim posto, o que se pretende aqui é uma discussão acerca da luta entre desejo e vontade dessas personagens que vivem um relacionamento amoroso proibido pelas convenções sociais.

A vontade tem senso de dever, exige renúncia e cotas de sacrifício enquanto que o desejo vive confortavelmente no território da imaginação. As paixões, portanto, podem ser consideradas como o que internamente guia o agir humano, relacionadas intimamente com a moralidade, a virtude ou o vício que cada agente apresente, sendo este o fio condutor das personagens analisadas no desenrolar da trama romanesca eciana.

Para Aristóteles, o desejo faz parte da natureza humana, visto que o princípio do movimento não se encontra presente apenas no homem, mas também sob o seu poder, em determinada medida. Na lista de paixões de filósofo grego encontram-se os apetites, o ódio, o desejo, a alegria, a amizade, a emulação, a compaixão, a audácia e todas as sensações que são acompanhadas de dor ou de prazer. Em *Fedro*, de Platão, temos o discurso da personagem Lísias que afirma ser a paixão um estado de insanidade e descontrole sobre os sentimentos, o que acaba por afetar o bom julgamento das pessoas, tornando os amantes “cegos” e incapazes de tomar decisões racionais, com as quais possam concordar quando estiverem com sua sanidade mental supostamente retomada.

¹ Licenciada em Letras, Especialista em Estudos Literários e Culturais, Mestra em Letras e Doutoranda em Letras pela UFC – Universidade Federal do Ceará. Professora efetiva de Português e Literatura do governo do Estado do Ceará.

O PADRE AMARO VIEIRA

Amaro é um jovem que fora ordenado padre sem vocação e usa da influência da família de sua madrinha para conseguir uma paróquia mais “adequada” a sua figura. Assim vai parar em Leiria, onde se instala na casa de D. Joaneira, uma senhora viúva, que mora com a filha Amélia, uma rapariga de 23 anos. A moça era considerada pelas amigas da mãe “um modelo, de dar virtude a incrédulos” (QUEIRÓS, 2011, p. 89). A casa da Rua da Misericórdia é local de encontros de padres e carolas, e é nesse ambiente onde se desenrola a maioria dos acontecimentos do romance.

Amaro logo se encanta por Amélia. Já na primeira vez em que põe os olhos na moça, percebe-se, através dos detalhes da descrição, a malícia presente no olhar do religioso: “[...] olhou para ela pela primeira vez. Tinha um vestido azul muito justo ao seio bonito, o pescoço branco e cheio saía de um colarinho voltado; entre os beijos vermelhos e frescos o esmalte dos dentes brilhava [...]” (Idem, p. 66). Os seios de Amélia tornar-se-iam a fixação do padre e em todas as vezes que lhe punha a vista, o olhar se dirigia para essa parte do corpo. Não demora muito para Amaro enamorar-se da jovem; no entanto, essa paixão não pode ser levada adiante, visto que ele era um religioso ordenado.

A fraqueza do caráter de Amaro vai se delineando ao longo da narrativa. Ao lado de Amélia, esquecia-se de que era um sacerdote: “O Sacerdócio, Deus, a Sé, o Pecado ficavam embaixo” e “as boas resoluções fugiam e lá voltavam as tentações em bando a apoderar-se do seu cérebro” (Idem, p.99). O padre “só pensava então na doçura infinita de lhe dar um beijo na brancura do pescoço ou morder-lhe a orelhinha” no intuito de despertar-lhe a libido. Às vezes ele revoltava-se contra esses desfalecimentos e batia o pé: “Que diabo, é necessário ter juízo! É necessário ser homem!”, mas era só ouvir a voz e os passos de Amélia no andar de cima que “a devoção caía como uma vela a que falta o vento” (Idem, ibidem).

Amaro sentira a princípio, um amor puro, “de um sentimentalismo devoto”, mas ao descobrir que a mãe de Amélia e o cônego Dias eram amantes, “imaginava já a boa vida escandalosa e regalada: enquanto em cima a grossa Sra. D. Joaneira beijocasse o seu cônego cheio de dificuldades asmáticas, Amélia, desceria ao seu quarto.” (Idem, p. 106) A ideia de “dois padres e as duas concubinas, de panelinha, dava àquele homem amarrado pelos votos uma satisfação depravada!” (idem, ibidem). *Se o cônego pode, por que eu não posso também?* Esse era o pensamento do padre ao descobrir o romance entre seu antigo mestre da moral e a Sra Joaneira.

Observa-se que Amaro não luta contra a paixão que sente, ao contrário, ele passa a alimentá-la, mesmo indo contra os preceitos religiosos aos quais está preso. Michel Meyer, no prefácio de *Retórica das paixões* de Aristóteles, assevera que:

Há na alma, ao lado da razão, um princípio ativo e um princípio passivo, ação e paixão se compensando, de certo modo. Essa vontade de lutar contra a paixão não é verdadeiramente racional, na medida em que ela própria se mostra, afinal de contas, bastante passional, e Platão caracteriza-a como um "ardor de sentimento", uma prova de coragem que consiste em encolerizar-se contra a violência que os desejos exercem sobre nós se não cuidamos, precisamente, de lhes resistir: "E que, às vezes, a irritação luta com os desejos, como se fosse uma força diante de outra". (MEYER, 2000, p. XXI)

Mas a "cólera" de Amaro só se voltava contra tudo e todos que segundo ele, o impediam seguir o curso da natureza humana, amaldiçoava aqueles a quem considerava culpados de sua infelicidade: a marquesa que o fizera padre e o bispo que o confirmara. O padre sabia que só podia oferecer a Amélia "sensações criminosas, depois os terrores do Pecado", desejava que ela "fosse como a mãe – ou pior, toda livre, com vestidos garridos, uma cuia impudente, traçando a perna e fitando os homens, uma fêmea fácil como uma porta aberta". (QUEIRÓS, 2011, p.108). Além de ter pensamentos lascivos e desejar possuir a rapariga, o padre ainda tinha dúvidas sobre a honestidade da moça, pois, para ele mãe e filha "não eram honestas! Recebiam hóspedes, viviam de concubinação. Amélia ia sozinha à igreja, às compras, à fazenda; e com aqueles olhos tão negros, talvez já tivesse tido um amante!" (Idem, p. 106)

Segundo Aristóteles, há três tipos de fenômenos da alma: as afecções, as faculdades e as disposições. Para ele, as afecções independem da escolha humana, sendo, portanto, de caráter desiderativo. No entanto, o desejo – que pode ser refreado pela vontade – é de caráter deliberativo. No caso de Amaro, sendo padre, seria de se esperar que ele, através da vontade, refreasse o desejo que lhe assomava, pois tendo feito votos de castidade, eram-lhe vetados os prazeres da carne. No entanto, seu voto de castidade não foi um ato desiderativo, mas deliberativo, uma vez que ele "não abdicara voluntariamente a virilidade do seu peito! Tinham-no impelido para o sacerdócio como um boi para o curral!" (Idem, p 153)

A vontade é a capacidade fantástica de querer, de, com liberdade, praticar ou deixar de praticar uma ação sob o comando da razão. Dessa maneira, é preciso querer para transformar algo em vontade. Em suma: desejo é necessidade instintiva do corpo e a vontade é uma decisão deliberada, representativa da ação vigorosa e determinante da mente sobre o corpo.

Por mais que a razão aconselhasse a vontade de Amaro e Amélia, eles não faziam uso dela e muito menos da prudência no intuito de dominar o desejo que sentiam:

Precisamos ter cautela... Não olhe tanto para mim nem esteja tão chegado... Já houve quem reparasse. Amaro recuou logo a cadeira para junto de D. Maria da Assunção; e, apesar da recomendação de Amélia, os seus olhos não se despregavam dela, numa interrogação muda e ansiosa, já assustado que as desconfianças da mãe ou a malícia das velhas "andassem armando escândalo" (Idem, p. 158)

Na concepção aristotélica, o padre poderia ser classificado como um homem vicioso, uma vez que se deixa levar pelos impulsos da paixão. Aristóteles assevera que enquanto a virtude moral é produto de um hábito, a virtude intelectual depende do ensinamento recebido. Isso explica o caráter de Amaro: moralmente vicioso, ele não era capaz de reprimir seus impulsos sexuais. Mesmo tendo consciência da ilicitude de suas ações, o seu desejo sobrepujava-se à sua vontade, uma vez que agia deliberadamente, pois apesar de ser biológico, o desejo sexual pode ser reprimido pela vontade. Considerado o mais danoso, o desejo sexual foi rebatizado pela Igreja como luxúria e alçado a Pecado Capital dentro da concepção católica.

De acordo com Aristóteles, o desejo é o que levaria o homem a desenvolver quatro tipos de disposições de caráter: a continência, a incontinência, a temperança e a intemperança – sendo a continência e a temperança relacionadas à virtude e a incontinência e a intemperança aos vícios. No que se refere ao caráter de Amaro, há uma oscilação entre a intemperança e a incontinência, uma vez que ele é incapaz de abandonar seus apetites a favor do que dita a razão, almejando todas as coisas prazerosas e seguindo em busca dos prazeres sexuais. Em relação à incontinência de Amaro, o que está em jogo é a moral sexual cristã-católica, uma vez que o padre é responsável por suas atitudes, visto que age conscientemente. Para o filósofo grego, os desvios morais já se encontram enraizados naqueles que os desenvolvem, o que é confirmado pela história de Amaro que, desde criança, já trazia em si o espírito libidinoso que o acompanharia em sua vida no seminário e depois de ordenado padre.

Há uma mistura nas capacidades de julgar e desejar do homem intemperante, posto que, para ele, julga bom aquilo que deseja e a partir desse pensamento, busca os meios para a obtenção de seus objetivos. Para Amaro, o relacionamento com Amélia era benéfico a ambos e, ciente de que seu sentimento era correspondido, partiu para a ação, buscando meios para acabar com o casamento da rapariga com João Eduardo. O que o leva a agir é o pensamento

enquanto dirigido para um fim, que é o de possuir Amélia; assim, a faculdade de desejar tornou-se, para Amaro, o combustível para a ação.

Na busca da concretização desse projeto, Amaro colocou todas as suas energias. Além disso, mesmo que o intelecto ordenasse e o raciocínio dissesse que deveria ser evitado, ele não se movia; agia de acordo com o apetite, no caso, seu instinto sexual. Nos raros momentos em que fazia uso da razão, o pároco procurava motivos que justificassem seus atos: “O seu amor era, pois, uma infração canônica, não um pecado da alma; podia desagradar ao senhor chantre, não a Deus; seria legítimo num sacerdócio de regra mais humana” (idem, p. 155). Para atingir seu objetivo, ele não hesitaria em mentir, caluniar, utilizar-se do nome de Deus:

E aquilo, Jesus, não era uma intriga para a arrancar ao noivo; os seus motivos (e dizia-o alto, para se convencer melhor) eram muitos retos, muito puros; aquilo era um trabalho santo para a arrancar ao inferno; ele não a queria para si, queria-a para Deus! “Casualmente”, sim, os seus interesses de amante coincidiam com os seus deveres de sacerdote. Mas, se ela fosse vesga, feia e tola, ele iria igualmente à rua da Misericórdia, em serviço do Céu, desmascarar o Sr. João Eduardo, difamador e ateu. (Idem, p. 209)

Após afastar o seu adversário, excomungando-o e escorraçando-o da cidade, Amaro tratou de explicar a Amélia “detalhadamente o arranjinho que fizera para gozarem novas e divinas felicidades” (Idem, p. 316), antegozando os prazeres certos da posse definitiva:

Também ele agora tinha, toda sua, alma e carne, linda, que o adorava, que usava boas roupas, e trazia no peito um cheirinho de água-de-colônia! Era padre, é verdade... Mas para isso tinha seu grande argumento: é que o comportamento do padre, logo que não dê escândalo entre os fiéis, em nada prejudica a eficácia, a utilidade, a grandeza da religião. (Idem, p. 317)

Mãos uma vez Amaro tenta justificar seus atos: o que contava era a aparência, não a essência, poderia usufruir dessa vida dupla enquanto o caso não fosse descoberto.

O desejo é a busca de possuir o melhor, segundo Aristóteles. Amaro orgulhava-se de ser Amélia a mais bela rapariga de Leiria e de ter escolhido a ele – um padre – para amar. Agir ou não, por escolha e por vontade própria, ter em si *o princípio motor* das ações também seria revelador do caráter humano. Pois se um homem tem em vista um fim mal e o busca conscientemente, isso revelaria uma má disposição de caráter incontinente. Amaro tende a buscar os prazeres corporais que são contrários à reta razão: é a ocupação total da alma pelos objetos do desejo.

Amélia por sua vez, apaixonada pelo padre, sabia que deveria afastar-se dele, mas altamente influenciável, deixava-se levar pela argumentação tosca do sacerdote de que o amor

de ambos era abençoado por Deus. Ao sair o artigo no *Distrito*, falando de um certo pároco que estava a desencaminhar donzelas inexperientes, Amélia “se via diminuída na sua reputação, sem ser satisfeita no seu amor” (Idem, p. 185). Também para ela, não importava o fato de que a relação de ambos fosse um pecado aos olhos de Deus, pois o seu amor pelo pároco se lhe afigurava natural. O que mais a preocupava era ficar falada sem ao menos ter consumado sua paixão, pois um fogo literalmente a consumia:

Durante todo esse dia não ergueu os olhos para Amaro. Parecia triste – e sem razão; às vezes, o rosto *abrasava*-lhe de sangue. (idem, p. 103)

[...]

Amélia desprendeu-se, ficou diante dele, sufocada, com a *face em brasa*. (Idem, p. 125)

[...]

Ao pé da casa, Amélia parou, *fazendo-se vermelha*... (Idem, p.126)

[...]

Quando Amaro saía, ia ao quarto dele, beijava a travesseirinha, guardava os cabelos curtos que tinham ficado nos dentes do pente. As faces *abrasavam-se-lhe* quando o ouvia tocar a campainha. (Idem, p. 127)

[...]

Sentia ainda no pescoço a pressão cálida dos seus beijos; uma paixão *flamejou* como uma chama por todo o seu ser... (Idem, p. 128)

[...]

As suas resoluções honestas ressequiam-se, morriam como débeis florinhas naquele *fogo* que a percorria. (Idem, p. 144, grifos meus)

Amélia previu na figura de uma antiga colega o seu futuro caso insistisse no amor por Amaro, reconheceu Joaninha Gomes, sua amiga e da mestra, que fora amante do padre Abílio:

O padre fora suspenso, deixara-a; ela partira para Pombal, depois para o Porto; de miséria em miséria voltara a Leiria, e aí vivia nalguma viela ao pé do quartel, tisicando, gasta por todo um regimento! Que exemplo, Santo Deus, que exemplo! E também ela gostava de um padre! (Idem, p. 143)

[...]

Onde a levava aquela paixão? À sorte de Joaninha! A ser a ‘amiga’ do pároco! E via-se, já apontada a dedo, na rua e na Arcada, mais tarde, abandonada por ele, com um filho nas entranhas, sem um pedaço de pão!... Mas pouco a pouco a ideia má que, atacada, se encolhera e se fingira morta, - principiou lentamente a desenroscar-se, a subir, a invadi-la! (Idem, 144)

[...]

E aquela paixão ia-a envolvendo como uma atmosfera de onde não podia sair, que a seguia se ela fugia, e que a fazia viver! As suas resoluções honestas ressequiam-se, morriam como débeis florinhas naquele fogo que a percorria. Se às vezes a lembrança de Joaninha ainda voltava, repelia-a com irritação; e acolhia alvoroçadamente todas as razões insensatas que lhe vinham de amar o padre Amaro! Tinha agora só uma ideia - atirar-lhe os braços ao pescoço e beijá-lo, oh! beijá-lo!... Depois, se fosse necessário, morrer” (Idem, ibidem)

Mesmo com todas as evidências contrárias, assim como Amaro, Amélia também buscava razões que justificassem seu amor, ratificando a tese de que sua vontade era dominada pelo desejo. Os voláteis lampejos de razão esvaíam-se no ar. Não era de todo inocente, uma vez que tinha ciência do perigo do relacionamento dos dois, além disso mostrava-se ardilosa e dissimulada, pois foi dela a ideia de demonstrarem indiferença diante dos amigos da casa:

Precisamos ter cautela... Não olhe tanto para mim nem esteja tão chegado... Já houve quem reparasse. (Idem, p. 157)

[...]

Desde então cessaram as olhadelas doces, os lugares chegadinhos à mesa, os segredos; e sentiam um gozo picante em afetar maneiras frias, tendo a certeza vaidosa da paixão que os inflamava. Era para Amélia delicioso – enquanto o padre Amaro afastado tagarelava com as senhoras – adorar a sua presença, a sua voz, as suas graças, com os olhos castamente aplicados às chinelas de João Eduardo que muito astutamente recomeçara a bordar. (Idem, p.159)

O fato é que a artimanha engendrada pelo padre obtivera sucesso e ele pode então gozar das delícias dos encontros semanais com Amélia em um “ninho de amor”, onde puderam enfim verem-se livremente, “para glória do Senhor e humilhação do Inimigo”. (Idem, p. 324)

Amélia, tal qual Amaro, tinha ciência da ilicitude de seus atos, do perigo que essa paixão poderia trazer à vida dela, em uma província pequena como Leiria, onde a maledicência grassava dentro de sua própria casa. Amélia forjava comportamentos, inventava mentiras e dissimulava atitudes para fugir das consequências ocasionadas por seus atos. Escrava dos desejos carnis, ela era incapaz de resistir à ideia de entregar seu corpo e sua alma ao padre, se entregara a ele “toda inteira, corpo, alma, vontade e sentimento” (Idem, p. 331).

Quando se descobriu grávida, apareceu-lhe um pouco da razão, no entanto, o seu medo vinha sempre quando anoitecia, pois “sua imaginação desencadeada a torturava com uma incessante fantasmagoria de castigos, deste e do outro mundo, misérias, abandonos desprezos da gente honrada e chamadas do Purgatório [...]” (QUEIROZ, 2011, p. 379).

A máxima “Quando a cabeça não pensa o corpo padece” é perfeitamente aplicável a Amélia. Seduzida por Amaro, ela se deixou dominar pela paixão que sentia pelo padre, mesmo tendo ciência do quão imprudente seria esse amor clandestino. De acordo com Kant, embora o homem saiba que deva agir de acordo com a lei moral, ele é propenso a agir de acordo com as suas finalidades egoístas, ratificando a tese de Aristóteles de que é mais difícil combater o prazer do que o impulso, visto que, para a maioria das pessoas, o prazer é o fator

motivador das ações. Na ética kantiana somente às ações realizadas por dever pode ser atribuído valor incondicional e, por conseguinte, podem ser consideradas válidas moralmente, ao passo que as ações resultantes de outros princípios quando muito podem conter legalidade, mas não moralidade, por estarem ligadas à satisfação particular das inclinações de determinado sujeito que visa neste caso sua própria felicidade.

Amélia, incapaz de refrear o desejo através da vontade, arcou sozinha com as consequências do romance proibido, uma vez que grávida e abandonada à própria sorte, acabou morrendo após dar à luz.

CONCLUSÃO

O que move o ser humano são as ideias, as vontades, o desejo. Sendo faculdades distintas, a vontade pode tornar-se refém do próprio desejo. Foi o que aconteceu a Amaro e Amélia, personagens principais de *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós. Ambos tinham sérios problemas de moral individual, uma vez pensavam apenas no “próprio umbigo”, sem levar em consideração as pessoas que lhe rodeavam. Mesmo cientes e conscientes do perigo, eles não fizeram uso da razão a fim de dar freio ao desejo que os dominava. Amélia acabou se tornando a principal vítima, uma vez que pagou com a própria vida: de um caráter virtuoso passou a um vicioso, por cometer o pecado de apaixonar-se por um certo padre.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **De anima**. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.

_____. **Ética a Nicômano**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

_____. **Retórica das paixões**. Prefácio de Michel Meyer. Introdução, notas e tradução do grego de Isis Borges da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KANT, Immanuel. **A metafísica dos costumes**. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 1986.

MEYER, Michel. As paixões nos diálogos platônicos. In **Retórica das paixões**. ARISTÓTELES. Introdução, notas e tradução do grego de Isis Borges da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PLATÃO. **Fedro**. Tradução de Rogério G. de Campos. São Paulo: Editora Hedra, 2018.

QUEIRÓS, José Maria Eça de. **O crime do Padre Amaro**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2011.